

Estado da publicação: Não informado pelo autor submissor

# Confluências entre artes, saúdes, ambiente, escutas e comunicações: a vivência do Projeto Ilha dos Abraços no território quilombola da Ilha de Maré em Salvador, Bahia, Brasil

Mayara Floss, Maristela Menezes Lopes, Lorena Bomfim de Carvalho, Iris Bomfim dos Santos, Marly Antonia Nascimento Barbosa, Isadora Zanella Zardo, Alexis Milonopoulos, Paulo Hilário Nascimento Saldiva, Nelzair Araujo Vianna

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.8918>

Submetido em: 2024-05-15

Postado em: 2024-05-20 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

## **Confluências entre artes, saúdes, ambiente, escutas e comunicações: a vivência do Projeto Ilha dos Abraços no território quilombola da Ilha de Maré em Salvador, Bahia, Brasil**

## **Confluences between arts, health, environment, listening and communications: the experience of the Ilha dos Abraços Project in the quilombola territory of Ilha de Maré in Salvador, Bahia, Brazil**

### **Mayara Floss**

Médica de Família e comunidade, Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo (FMUSP), São Paulo, São Paulo, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0926-1306>

### **Maristela Menezes Lopes**

Marisqueira, pescadora, enfermeira do Unidade de Saúde Ilha de Maré, Salvador, Bahia Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-5623-0289>

### **Lorena Bomfim de Carvalho**

Marisqueira, pescadora, bióloga, Educadora Ambiental Barreto Filho Serviços Ambientais, Salvador, Bahia Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-9107-1123>

### **Iris Bomfim dos Santos**

Marisqueira, pescadora, graduanda de nutrição Centro Universitário Maurício de Nassau (UNINASSAU), Salvador, Bahia Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-7334-2797>

### **Marly Antonia Nascimento Barbosa**

Pedagoga, mestranda em História, Programa de Pós Graduação em Estudos Africanos, Povos Indígenas e culturas negras – Universidade Estadual da Bahia (UNEB), Salvador, Bahia Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-5473-7253>

### **Isadora Zanella Zardo**

Arquiteta e Urbanista, Mestranda em Sistemas de Energia pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), Curitiba, Paraná, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2921-1018>

### **Alexis Milonopoulos**

Artistacientista(em)saístasanitarista, PACTO (FMUSP), Lab a-PTSE (UNAL), Red Abya Yala, Cuí-Clareira, São Paulo, São Paulo Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7563-3679>

### **Paulo Hilário Nascimento Saldiva**

Patologista, Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo (IEA-USP), São Paulo, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2005-8253>

### **Nelzair Araujo Vianna**

Farmacêutica, Fiocruz Bahia, Salvador, Bahia Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5183-6671>

## ABSTRACT

This article proposed to build collectively with the community of Ilha de Maré, located in Salvador, Bahia, Brazil; a text-territory-denouncement about environmental necropolitics and community resistance. The Ilha dos Abraços project, part of the Planet&Ar umbrella project, proposed working on popular surveillance through an artistic residency with a transdisciplinary group of artists, health professionals and urban planners to create a map of memories with the stories of the community and panels of graffiti that communicated in a “navigable book”. The artistic residency took place between 11-20/11/2022 with workshops on comics, graffiti, planetary health; seven graffiti panels and interviews to compose the memory map. There is a need to know how to step into the territory to enter a traditional quilombola community and the perception not only of the oral tradition of Ilha de Maré, but also of listening, so the term “listenaction” is proposed. It also reflects on the island's invisibility in the face of pollution and public authorities, so art transgresses this silencing. Thus, planetary health can be an ally for the community's struggle, but the universalizing concept is questioned, proposing the idea of planetary(s) health(s).

**Keywords:** planetary health, art, traditional communities, quilombola,

## RESUMO

Este artigo se propôs a construir coletivamente com a comunidade da Ilha de Maré, localizada em Salvador, Bahia, Brasil; um texto-território-denúncia sobre a necropolítica ambiental e a resistência da comunidade. O projeto Ilha dos Abraços, parte do projeto guarda-chuva Planet&Ar, se propôs trabalhar vigilância popular através de uma residência artística com um grupo transdisciplinar de artistas, profissionais da saúde e urbanistas para realizar um mapa de memórias com as histórias da comunidade e painéis de grafite que se comunicassem em um “livro navegável”. A residência artística aconteceu entre 11-20/11/2022 com a realização de oficinas de quadrinhos, grafite, saúde planetária, sete painéis de grafite e entrevistas para a composição do mapa de memórias. Há a necessidade de saber pisar no território para adentrar uma comunidade quilombola e a percepção não apenas da tradição oral da Ilha de Maré, mas também a da escuta, e se propõe o termo “escutação”. Reflete-se também sobre a invisibilização da ilha frente à poluição e aos poderes públicos, de forma que a arte transgride este silenciamento. Assim, saúde planetária pode ser uma aliada para a luta da comunidade, porém questiona-se o conceito universalizante, propondo-se a ideia de saúde(s) planetária(s).

**Palavras-chaves:** saúde planetária, arte, comunidades tradicionais, quilombola

## Introdução: saber pisar no território

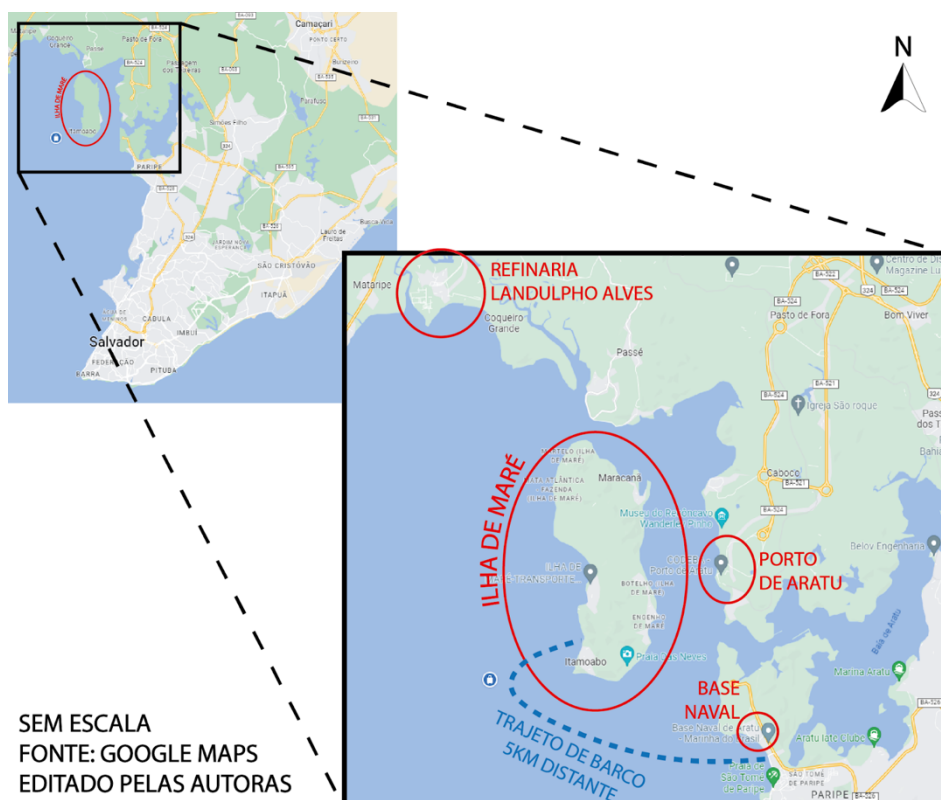
Essa escritura, no vai e vem da Baía de Todos os Santos, não é apenas mais um texto, mas um território, uma ilha: Ilha de Maré. Como a música da liderança e compositor local Djalma Lopes :

Minha ilha só tem mato, mas é linda de se vê  
 Eu não troco a minha ilha, nem por mim nem por você  
 Minha ilha tem petróleo, tem azeite de dendê  
 E ainda tem marisco que dá pra sobreviver  
 Minha ilha de Maré fica perto de São Tomé, faz fronteira com Cabôto, faz  
 fronteira com Passé.<sup>1</sup> (p. 15)

Situada no Recôncavo Baiano, em Salvador, Brasil<sup>2</sup>, ocupa área territorial de aproximadamente 10,65km<sup>2</sup> onde vivem as comunidades Bananeiras, Botelho, Nossa Senhora das Neves, Itamoabo, Santana, Caquende, Praia Grande, Martelo, Passa Cavalos, Ponta Grossa e Maracanã (fig. 1). A travessia até lá demora cerca de trinta minutos saindo do Terminal Hidroviário de São Tomé de Paripe.

A Ilha, reserva ecológica municipal desde 1982 e ícone turístico pelas suas belezas naturais<sup>3</sup>, é também o bairro mais negro de Salvador, tendo um dos piores Índices de Desenvolvimento Humano da capital<sup>4</sup>. A Unidade Básica de Saúde (UBS) que atende a comunidade de toda ilha, fundada em 2008, é composta por três equipes de saúde da família e localiza-se em Praia Grande. A primeira equipe ficou completa apenas com a pandemia da COVID-19.

(A)



(B)

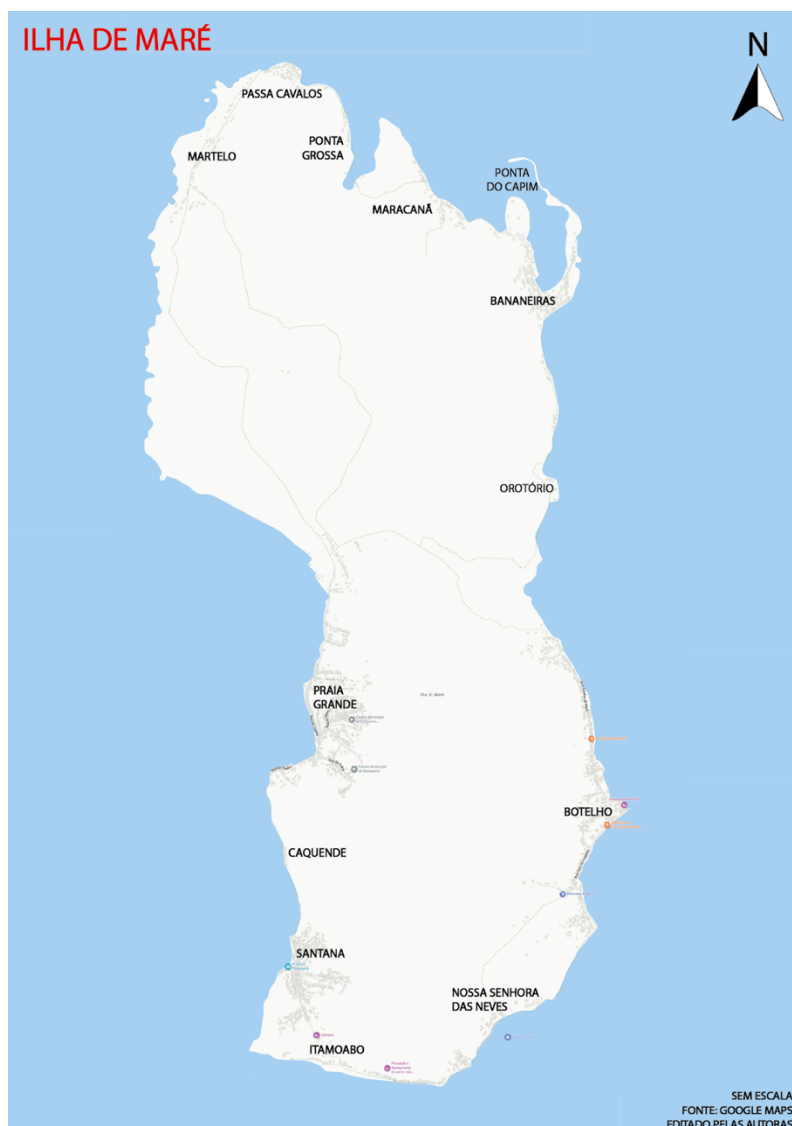


Figura 1. (A) Localização da Ilha de Maré no Brasil e na região de Salvador na Bahia (sem escala). (B) Mapa da Ilha de Maré e suas comunidades. Fonte: Google Maps, 2023.

Comunidades distantes como Bananeiras e Maracanã têm dificuldade de acesso à saúde. A travessia marítima custa entre 10-100 reais e terrestre demora de 60-120 minutos em trilha acidentada, cruzando o mangue, dependendo da maré e chuva. Acesso a emergência depende da “ambulancha” que pode não chegar por questões de manutenção/combustível, demorando cerca de uma hora para travessia, com píer apenas em Botelho. Muitas vezes as pessoas são carregadas em cadeiras ou carrinhos de mão e precisam entrar na água para serem transferidas.

O acesso a outros direitos, como energia elétrica, aconteceu em 1984 e a água encanada em 1999. Em 2023 apenas três comunidades têm saneamento básico precário, implementado principalmente pelos moradores, nas demais o esgoto está a céu aberto.

No século XIX existiam duas fazendas e dois engenhos de cana de açúcar na ilha, um período marcado por rebeliões e a ascensão do movimento abolicionista. Antepassados fugiram a nado de engenhos da região, originando os atuais quilombos. Após a

abolição, as famílias da Ilha de Maré resistiram a outro ciclo de exploração por fazendeiros e posseiros que arrendavam terras na região e exigiam cessão de parte da produção<sup>3</sup> gerando conflitos fundiários. Em 2004, parte das comunidades se reconheceram como remanescentes de quilombo: Bananeiras, Praia Grande, Passa Cavallo, Martelo, Ponta Grossa e Maracanã. As comunidades que não se identificaram como quilombolas encontram-se mais suscetíveis ao interesse imobiliário, à vinda de “estrangeiros” e tem dificultado o acesso à direitos, como cotas educacionais.

A população resistiu a estes ciclos de exploração realizando a pesca e a mariscagem, principal fonte de renda das famílias, complementadas por pequenas roças, artesanato e criação de animais.

## O “suposto avanço” da Baía de Todos os Santos e a Ilha de Maré

Em 1950 descobriu-se petróleo na Baía de Todos os Santos e construiu-se o Terminal Almirante Alves Câmara, em Madre de Deus, e a Refinaria Landulpho Alves, atualmente Acelen, em São Francisco do Conde. Em 1960 foi construído o porto de Aratu que, junto com o pólo industrial de Camaçari, abriga diversas indústrias químicas, petroquímicas, termoeletricas, fertilizantes, fármacos, etc<sup>4</sup>. Estas indústrias circundam as populações da região, que sequer foram consultadas sobre a sua instalação<sup>6</sup>.

Esta modernização neocolonialista deu continuidade à assimetria das relações entre a comunidade, o Estado e a indústria. A preocupação com a qualidade da água, ar, solo, manguezais, vem sendo levantada por diversos setores desde 1990, junto à percepção da comunidade do aumento de doenças e da poluição afetar o ecossistema local<sup>5</sup>.

Em meio a um histórico de crimes socioambientais, houve explosões recentes de navios, destacadamente o *Golden Miller* em 2013, que chegou a estremecer as casas da comunidade e causar sintomas de intoxicação<sup>7</sup>. Neste episódio, a empresa e os poderes públicos forneceram informações contraditórias. Fato que evidencia uma das facetas do racismo ambiental que atravessa as populações da Ilha, e no qual há a “imposição desproporcional – intencional ou não – de substâncias tóxicas às comunidades negras”<sup>8</sup> (p. 263).

Apesar da história neocolonial e do racismo ambiental<sup>9</sup>, a comunidade da Ilha denuncia mortes e doenças atribuídas à poluição do local<sup>9</sup>, mas sem conseguir “comprovar” a contaminação do espaço para os órgãos públicos, alvos de críticas da comunidade quanto à sua atuação insuficiente. Há a percepção das autoras de que a indústria do petróleo e o movimento dos pólos aumentaram os índices de violência, alcoolismo/uso de drogas, o aparecimento de casas de prostituição e uma nova forma de escravidão que alimenta a indústria/porto que prejudica a própria comunidade e os trabalham neste complexo industrial, geralmente ocupando funções braçais.

Prejuízo ligado também ao desaparecimento da fauna, a exemplo dos moluscos conhecidos localmente como sapiro amarelo, perna de moça, peito de moça, sarnambi e lula, de peixes como mero e fafado; dos frutos da manga espada (*Magnifera indica*), caju, jenipapo e bananeiras, além da e a introdução de espécies exóticas como o siri pitanga (*Charybdis hellerii*) e o coral sol (*T. coccinea*).

Somadas à poluição, há constantes ameaças durante a atividade da pesca, como o aumento do turismo náutico sem o cuidado com as redes de pesca, a população e pescadores locais - principalmente no rio de Aratu, um curso de águas calmas onde se ensina para as gerações mais novas o ofício de pescar e mariscar -, envolvendo riscos e ameaças pelos tripulantes das embarcações turísticas, por diversas vezes alcoolizados e até armados.

## Planet&Ar e Ilha dos Abraços

Em 2019, lideranças da comunidade da Ilha de Maré solicitaram apoio da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) na Bahia para documentar a contaminação da ilha e os impactos para a dispersão de poluentes. Após a aprovação no programa Inova Fiocruz, Programa Territórios Saudáveis e Sustentáveis, o projeto Planet&Ar surgiu com o objetivo de desenvolver estratégias de vigilância popular e análise de riscos da poluição do ar para identificação de vulnerabilidades socioambientais e sanitárias na Ilha de Maré.

O Planet&Ar aconteceu entre março/2021-2023 e instalou sensores para medição de material particulado PM 2.5, Dióxido de Nitrogênio, Dióxido de Enxofre, Ozônio, umidade e temperatura obtendo dados para caracterizar fontes emissoras e acompanhar a dispersão de poluentes. Estas informações, junto de ações com a comunidade sobre a conscientização da saúde planetária e da poluição do ar, trabalharam com estratégias de percepção de risco e educação ambiental.

Um dos eixos do projeto em relação à vigilância popular e transdisciplinaridade foi a proposta de intersecção entre comunicação, arte, saúde e literatura. A intervenção chamada de “Ilha dos Abraços” propôs-se a realizar painéis de grafite e um mapa de memórias da Ilha de Maré. Os painéis deveriam comunicar através do desenho e da escrita a (r)existência da comunidade, cultura local, natureza, riscos da poluição e mudanças climáticas. O mapa de memórias seria realizado através de entrevistas com a comunidade, tendo por objetivo comunicar a história e fortalecer a resistência local.

O objetivo deste artigo é relatar a vivência da construção coletiva do projeto Ilha dos Abraços. Experimentando, ao mesmo tempo, o que é produzir coletivamente um texto-território que coloque em simetria e re(l)ação os saberes, práticas, memórias e vivências da comunidade e sua ancestralidade, e os saberes e experiências da academia por meio de uma perspectiva transdisciplinar, especialmente através de um diálogo com a saúde planetária e as artes.

### **Percorso metodológico: “nada sobre nós sem nós”, descrevendo o contexto da experiência de acordo com as marés**

Em março/2022 formou-se o grupo transdisciplinar da Ilha dos Abraços composto por profissionais da saúde, urbanistas e artistas. Entre agosto-novembro/2022 aconteceram dez encontros *online* com duração de cerca de 90 minutos com o grupo de trabalho, docentes das escolas locais e integrantes da comunidade de Ilha de Maré.

Ocorreu a apresentação dos membros e a criação de vínculo. A comunidade identificou questões para a vigilância popular como riscos ambientais e envolvendo racismo ambiental, saúde planetária e mudanças climáticas. Nestas reuniões foram realizadas oficinas de poesia coletiva, bem como definiu-se os locais para o grafite e as artes, logística, como a necessidade de alugar um barco para deslocamentos, local para estadia e fases da lua/maré para a ação; e a apresentação do “Tóxico-tour”<sup>10</sup>, organizado pela comunidade de Bananeiras para mostrar os pontos mais afetados pela poluição.

A divulgação das ações construídas com a comunidade aconteceu através do compartilhamento do vídeo “Você já imaginou uma ilha dos abraços?” e *cards* nos grupos de WhatsApp da comunidade e nas páginas de Instagram @planet\_ar.oficial e @quilombo\_bananeirasoficial.

Para a confecção do mapa de memórias os relatos foram gravados para posterior transcrição. Também foi impresso o contorno da ilha em tamanho A3 para os entrevistados apontarem locais de memórias sobre o território. Nas reuniões *online* definiu-se a inclusão no mapa do Porto de Aratu e da Refinaria Acelen por serem determinantes da saúde, e memórias ruins da comunidade. Outros dois resultados da vivência com a ilha, o quadrinho “Marisqueiras”<sup>11</sup> e o livro escrito com a comunidade “Ilha dos Abraços”, também surgiram

durante a vivência. Na época da escrita deste artigo o mapa e o livro ainda estavam em processo de construção.

A vivência organizada entre os dias 11/11/2022 até 20/11/2022 transgrediu o período da residência artística e criou a necessidade de uma reflexão teórica-conceitual. A escrita deste artigo ocorreu de forma coletiva e voluntária com integrantes do projeto e membros da comunidade de modo *online*, entre junho/2023 e abril/2024.

A escrita conjunta, com o mote<sup>12</sup> “nada sobre nós sem nós”, possibilitou a recordação e reflexão sobre as etapas do projeto, e ao invés da exploração, o *compartilhamento*<sup>13</sup> dos conhecimentos sobre a escrita científica. A reflexão das autoras deste artigo perpassa o saber pisar no território quilombola, levando em consideração tanto os diversos saberes, a tradição oral e a ancestralidade da comunidade, quanto o seu cansaço de se sentirem objetos da ciência. A escolha das palavras e do vocabulário neste texto é uma convocação. Todas as pessoas, principalmente a própria comunidade, devem poder entender este texto. A bibliografia constitui-se pelas referências da comunidades como: oralidade, páginas de redes sociais e cantigas.

Este relato de experiência foi construído pelas participantes da vivência, enquadrando-se no item VIII do artigo primeiro da Resolução n. 510 de 7 de abril de 2016 do Conselho Nacional de Saúde, não necessitando de submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos.

### **(R)existir: relatos e reflexões da vivência na Ilha de Maré**

Inicialmente a equipe teve dificuldade no deslocamento terrestre para chegar até o Porto de São Tomé de Paripe, atrasando a embarcação Pantera Preta, responsável pelos deslocamentos marítimos da equipe. O atraso, levou a pessoa responsável pela casa alugada, que seria a base do projeto, aguardar por cerca de cinco horas. Com um relevo íngreme, a logística de carregar tintas, materiais e comidas foi um desafio. Algo que exigia planejamento diário para todos os painéis. Na Ilha de Maré não existem carros e a locomoção terrestre acontece principalmente a pé, por cavalos, motos, bicicletas e burros.

Neste primeiro momento, mesmo com as reuniões virtuais, havia uma desconfiança da comunidade em relação ao grupo de pessoas brancas, ou “desbotadas”, falando diferente e de cabelo diferente. A sensação é que a comunidade científica só vêm se aproveitar ou “extrair” o que julgam que é necessário.

No dia 12/11/2022 ocorreu a pintura do painel próximo ao pier em Santana com a imagem de um barco carregado por diversas mãos, com a presença do peixe vermelho (*Lutjanus spp.*) característico da região e um muzuá, armadilha local para captura de peixes e siris. A comunidade participou da pintura e a palavra decidida localmente foi “(R)EXISTIR” como símbolo da existência-resistência da comunidade (fig. 2). Em paralelo aconteceram as apresentações iniciais da ideia do mapa de memórias e a identificação de pessoas chave.



Figura 2. (R)EXISTIR. Comunidade de Santana - Ilha de Maré, em Salvador-BA. Fotografia cortesia Projeto Ilha dos Abraços.

Nos dias 13-14/11/2022 pintou-se em Bananeiras, no Mercado do Bico, o painel de grafite retratando a refinaria e o porto como um monstro, e acompanhado da frase “Poluição do (m)ar mata. Até quando?”. O painel é acompanhado de duas crianças negras soprando este monstro. Uma delas com o símbolo do Movimento dos Pescadores e Pescadoras Artesanais do Brasil (MPP)<sup>14</sup> em sua camiseta, evidenciando a luta da comunidade (fig. 3).



Figura 3. Poluição do (m)ar mata. Até quando?. Comunidade de Bananeiras - Ilha de Maré, em Salvador-BA. Fotografia cortesia Projeto Ilha dos Abraços.

Neste dia seguiram-se as entrevistas para a construção do mapa de memórias da Ilha de Maré. A própria comunidade indicava as próximas pessoas para compor o mapa. Simultaneamente aconteceu a “máquina de retratos” onde o quadrinista desenhava uma caricatura da pessoa olhando através de um retângulo recortado em uma caixa. Após os primeiros desenhos as crianças ocuparam a “máquina de retratos” (fig. 4) - utilizada diversas vezes nas ações -, desenhando retratos umas das outras.



Figura 4. “Máquina” de Retratos com o artista Pablito Aguiar. Fotografia cortesia Projeto Ilha dos Abraços.

Na tarde de 14/11/2022 foi realizada oficina de grafite em Bananeiras com a participação de cerca de 30 crianças, jovens e adultos. A comunidade escolheu grafitar o nome “Quilombo Bananeiras” em uma superfície de cerca de 9x2.30. (fig. 5).



Figura 5. Quilombo Bananeiras. Comunidade de Bananeiras - Ilha de Maré, em Salvador-BA. Fotografia cortesia Projeto Ilha dos Abraços.

Em 15/11/2022 foram realizados dois grafites e a atividade da máquina de retratos na escola municipal de Botelho. O primeiro grafite planejado com a comunidade retratava uma mulher negra mariscando corações e um detalhe de uma garrafa plástica escrito “reduza”. A frase escolhida foi a estrofe final do “grito de guerra” do MPP<sup>15</sup> (p. 1): “No rio e no mar: Pescadores da Luta! / Nos açudes e barragens: Pescando liberdade! / Hidronegócio: Resistir! / Cercas nas águas: Derrubar!” (fig. 6).

O segundo painel de Botelho surgiu do encontro com as crianças do local, do brincar e ensinar a equipe a capturar em latas - por meio da “ratoeira” - a espécie de caranguejo guaiamum (*Cardisoma guanhumi*) (fig. 7). A professora da Escola de Botelho contou sobre o projeto Projeto Guaiamum<sup>16</sup>, onde um dos estudantes com dificuldade de aprendizado coordenou um grupo para investigar e explicar sobre a cultura local e a sua captura. Realizar o desenho da *ratoeira* e do caranguejo foi um reconhecimento da cultura local e um encantamento.



Figura 6. “Cercas nas águas derrubar!”. Comunidade de Botelho - Ilha de Maré, em Salvador-BA. Fotografia cortesia Projeto Ilha dos Abraços.



Figura 7. Guaiamum e da “ratoeira”. Comunidade de Botelho - Ilha de Maré, em Salvador-BA.

Em 16/11/2022 a equipe foi até Praia Grande para realizar diversas oficinas na Escola Municipal local com estudantes do quinto ao nono ano e professores sobre quadrinhos e grafite. Neste dia, foi grafitado com os estudantes a frase “a mudança está no (m)ar” seguido da escrita “Sankofa: retornar ao passado, para ressignificar o presente e contribuir com o futuro”.

A frase “a mudança está no (m)ar” faz um jogo de palavras sobre “mudanças climáticas” e a possibilidade dos estudantes mudarem, interligando-se com o trabalho da escola signatária do Movimento Escolas pelo Clima<sup>12</sup>, que reflete sobre as mudanças climáticas. No painel, uma mulher tem o pé como parte do mangue, revisitando a ideia de ancestralidade, rizoma e raiz (fig. 7). Aparecem elementos culturais da comunidade, como o artesanato feito da cana brava.



Figura 7. “A mudança está no (m)ar”. Além das palavras “Sankofa: Retornar ao passado para ressignificar o presente e contribuir com o futuro”. Comunidade de Praia Grande - Ilha de Maré, em Salvador-BA. Fotografia cortesia Projeto Ilha dos Abraços.

Em 17/11/2022 retratou-se no *graffiti* as partículas finas da poluição do ar dentro de uma lupa ao lado da Unidade de Saúde de Praia Grande. A lupa, que tinha “partículas finas” escrita em sua lente, acompanhava a frase “A arte pode tornar (in)visível”, referente à capacidade da arte de trazer a visibilidade da poluição e da comunidade. Compunha o desenho um pegoari (*Strombus pugilis*), um barco e um coqueiro (fig. 8). Neste dia, estava programada uma oficina com as lideranças da ilha sobre saúde planetária, porém, por dificuldade de deslocamento, realizou-se o encontro com os estudantes da escola.



Figura 8. “Partículas finas” e “a arte pode tornar invisível”. Comunidade de Praia Grande - Ilha de Maré, em Salvador-BA. Fotografia cortesia Projeto Ilha dos Abraços.

No dia 18/11/2022 aconteceram entrevistas para o mapa em Itamoabo. No dia 19/11/2022 a comunidade e o projeto celebraram a conclusão das atividades visitando a Praia

das Neves e realizando o “batismo do mangue”. Por fim, no dia 20/11/2022 a equipe e a comunidade se despediram.

Todos os painéis eram acompanhados dos stencils escritos “Ilha dos Abraços” a logo do “Planet&Ar” e um lambe com *QR code* para acesso às contas de Instagram já citadas. Durante os dias houveram conversas e trocas de culinária (tradicional doce de banana, pamonha, moqueca, siri, mariscada, pirão de banana), frutas locais (jambo, caju, cana, coco, saputi, tamarindo), ensinamentos de pescaria de siri com jereréu, deslocamento e manutenção de barcos, artesanato (confeção de cestos de cana brava, renda de bilro), música local (paredão, samba, arrocha e cantigas). Ao final das atividades da Ilha dos Abraços, vinte e quatro pessoas de diferentes idades e comunidades foram entrevistadas para a composição do mapa de memórias da Ilha de Maré.

### **Discussão: cercas nas águas derrubar!**

A ilha de Maré foi cercada pelo complexo industrial que envolve a refinaria e o porto de Aratu<sup>10</sup>. A poluição química é em geral “invisível”, como os casos dos metais pesados que se acumulam na cadeia alimentar, a luta do inimigo invisível<sup>6</sup> evidencia a invisibilização institucional da Ilha sob a alegação de “desenvolvimento”. Entretanto, como diz Bispo<sup>13</sup>, esse “des-envolvimento” significa desconexão. É importante, portanto, ocuparmos o vocabulário e as instituições com a palavra *envolvimento*<sup>13</sup>. Sobre as mulheres da Ilha de Maré:

(...) a ocupação do território pela cadeia petrolífera as mantém em constante estado de alerta e de preocupação, algo que gera muita ansiedade, angústia e sofrimento, pois elas sabem que estão contaminadas, mas não sabem com quais substâncias químicas, qual o nível da contaminação, quais doenças podem desenvolver e o que devem fazer para minimizar a contaminação em seus próprios corpos e no de seus filhos. <sup>4</sup> (p. 19)

E este invisível tem cor: preta. O que também ressalta o racismo ambiental sofrido pela comunidade, suas pessoas, fauna, flora e paisagens. Racismo que expressa-se em um modo exploratório de apropriação do espaço da natureza como sociedade<sup>18</sup> e na fragmentação do habitat natural, abuso e depredação. Uma série de ações que demonstram o colonialismo e algumas das marcas de uma certa humanidade desconectada ou “des-envolvida da” Terra<sup>19,20</sup>.

Neste contexto, a saúde planetária emerge como uma aliada, concentrando-se nos impactos na saúde humana das mudanças ambientais (e) globais; analisando como os seres humanos estão alterando o mundo natural<sup>21</sup>, transformando a terra, a atmosfera, os oceanos e, por conseguinte, a saúde. Porém, ao invés de repetir padrões da colonização e realizar uma “monocultura intelectual”<sup>22</sup>, ressaltamos aqui o cuidado de não cairmos na “unicidade”, na globalização, tornando tudo único; pois compreendemos o globo e a saúde planetária de forma *diversal*<sup>13</sup>, com vários ecossistemas, idiomas, espécies, etc, refletindo sobre a expansão de uma ideia de “saúde única” ou de saúde planetária a par(t)ir de saúde(s) planetária(s).

Nas comunidades quilombolas das águas, as pessoas não se tornam pescadoras, nascem pescadoras. Vivem na “escola das águas”, no rio e no mar<sup>23</sup>. São o povo das águas e a valorização desse saber nos espaços das instituições públicas é fundamental<sup>24</sup>. Apesar das ideias de alienação e separação, ou da cerca entre natureza e humanidade. Tudo é natureza, o que é evidente para os quilombolas e povos indígenas<sup>20</sup>. Não existe uma separação ou cerca no cuidado da saúde do planeta, da saúde humana e vice-versa. Tanto que os corpos da Maré estão não só expostos diretamente à natureza, mas são, como todos, natureza. Não há como cercá-los, como nas cercas a serem derrubadas no lema do MPP<sup>14</sup>.

A injunção de danos ambientais e afetivos sobre a Ilha transforma os territórios de vida, seus corpos e subjetividades em grandes zonas de sacrifício do modelo de *desenvolvimento*, impactando diretamente suas saúdes<sup>4</sup>. O direito à saúde, perpassa também o direito ao meio ambiente, de maneira que sabemos que o debate de justiça ambiental e climática é um debate de direitos humanos (e outros que humanos)<sup>25</sup>.

Se uma árvore é cortada, a comunidade é derrubada junto. Se há derramamento no mar de óleo e substâncias, a comunidade morre junto. Se o Porto e a Refinaria poluem o ar, a comunidade sufoca junto. Se a terra está contaminada, a comunidade sofre de insegurança alimentar junto.

A exemplo do caso do corte com licenciamento ambiental do mangue no rio Aratu entre as empresas Dow Química e porto da Ford, que aconteceu em 2020, durante a pandemia da COVID-19, para o empreendimento portuário da Bahia Terminais<sup>26</sup>. Cerca de cinquenta homens com motosserras devastaram o bioma durante uma semana.

Nesta ocasião, uma marisqueira abraçou a árvore cortada do mangue<sup>27</sup>. Para a comunidade de Maré há a necessidade de autorizar o corte e a retirada de elementos da natureza – deve-se pedir licença, respeitando a força da natureza. Após a derrubada do mangue, lideranças foram perseguidas judicialmente. De forma que os meios de denúncia e órgãos de proteção não-quilombolas ou brancos falham e não acolhem a comunidade da Ilha de Maré, evidenciando mais facetas dos racismos, destacadamente estruturais, ambientais e institucionais, que vivem.

Facetas estas que enfraquecem, se não eclipsam, a denúncia constante e cotidiana de, por exemplo, produtos poluidores liberados pelos navios e o pólo petroquímico, que expõe a ilha e contamina os bancos pesqueiros<sup>3</sup>. Somam outros eventos, como em 2022, quando aconteceu uma infestação de lagartas<sup>28</sup> nos manguezais exóticas interpretadas pela comunidade como um sinal para o excesso de intervenção humana.

O manguezal é o berço da diversidade marinha. Por isso, foi retratado no painel de grafite de Praia Grande como parte do pé ou raiz/rizoma da marisqueira. Na voz da liderança Eliete Paraguassu o mangue é um espaço sagrado, é a casa de Nanã, um orixá feminino, divindade do candomblé e outras religiões de matriz africana, e a destruição do mangue é como tirar um pedaço da comunidade<sup>4</sup> – uma mutilação também da cidadania<sup>29</sup>.

De tal modo que o racismo ambiental apresenta-se na Ilha com a morte não só da população contaminada<sup>30</sup>, mas também de seus ecossistemas, seus modos de subsistência e de conhecimento – ou epistemicídio<sup>31</sup>. Em 2023, o Ministério Público Federal reconheceu:

(...) as comunidades carecem de ações e serviços básicos, têm seus modos de ser, viver e existir (sobretudo em termos de pesca artesanal e mariscagem) afetados há anos, diariamente e de forma muito significativa, colocando em risco à saúde e existência, e não têm seus pleitos atendidos.<sup>32</sup>

Apesar de esforços e processos de reparação não há plano de suspender a exploração da região, de forma que preza-se pela saúde de um mundo petrolífero, ao invés das saúdes insulares e quilombolas. A população da Ilha experimenta o assombro perpetrado pelas violências do colonialismo e todo o *carrego colonial*<sup>33</sup> que se expressa nas ações que atravessam a(s) vida(s) locais. As quais perpetuam as lógicas de violência do ser, saber e poder que está nas raízes do sistema-mundo colonial-capitalista, evidenciando essa carga obsessora da colonialidade como empreendimento de morte<sup>32</sup> e a dupla fratura colonial<sup>18</sup>, onde defender o meio ambiente e lutar contra o racismo coloca a população em ameaça constante. Como o caso de Maria Bernadete Pacífico, ou Mãe Bernadete, morta em 2023 dentro da sua casa com a sua família, sete anos após o assassinato de seu filho Fábio Gabriel Pacífico dos Santos<sup>33</sup>. A morte então como política, como produto dessa necropolítica ambiental<sup>5</sup>, correlatas ao brutalismo

como forma de dismantelar a resistência com esses “recursos” que estão fissurando e esgotando estas existências<sup>34</sup>.

O enfrentamento protagonizado pelas mulheres marisqueiras da Ilha de Maré contra empresas, que despejam em seu território de vida rejeitos contaminados, e contra o Estado, que se omite em exercer seu papel regulatório, conflui em novos caminhos para a ação política, associando a luta por justiça ambiental com a luta feminista e antirracista<sup>4</sup>. Assim, a rejeição do sofrimento e das demandas da comunidade da Ilha impõe um perpétuo estado de aquilombamento<sup>35</sup>, de unir-se de forma territorializada para resistir-(r)existir<sup>36</sup>.

Porém, as lideranças locais só irão parar se forem silenciadas e vão seguir defendendo o território/natureza. Com o protesto na composição:

O Porto de Aratu é uma grande bomba nuclear  
 Poluiu a terra, poluiu o mar  
 Tem leucemia, tem câncer de pulmão  
 Para os idosos, têm doenças de respiração  
 O Porto de Aratu só trouxe poluição  
 Acabou com os meus peixes  
 Acabou com os camarão  
 O Porto de Aratu, eu só quero protestar  
 Antes fosse Bin Laden que tivesse morando lá.<sup>4</sup> (p. 4)

Este artigo-cantiga-território é também um texto-denúncia, pois atualmente as lideranças da Ilha de Maré também temem pela sua vida e sobrevivem com medida protetiva.

### **Confluir na arte: escutação, ativismo e transgressão**

Se falávamos da escutação que compõe e atra/versa a cosmovivência quilombola na ilha, o trecho musical “A minha fala, a minha opinião”<sup>36</sup>, ressoa a importância da escuta para o território da Ilha de Maré. Como o trecho sobre “ouvir” :

Os mais velhos me orientaram a ouvir os cantos dos pássaros e os chiados da mata. Compreendo o ambiente onde dei os meus primeiros passos como uma das bases de lançamento da minha trajetória. (...) Ouvíamos a sonoridade emitida pela mata, a partir do movimento do vento e das águas dos riachos, rios e das cachoeiras, dependendo de por onde passávamos.<sup>37</sup> (p. 10)

A trajetória da ancestralidade na comunidade quilombola da Ilha de Maré ocorre não só pela tradição da oralidade, mas também pela tradição da escuta. A incapacidade de a Ilha de Maré ser escutada, além de ser uma faceta do racismo e da negação de direitos, é também um (des)envolvimento<sup>38</sup>, onde o capital reduz a complexidade do mundo e produz desencantamentos de outros saberes, transformando-os em modos subalternos<sup>39</sup>.

Não basta, assim, apenas uma escuta, especialmente uma escuta que não se transforma em ação-cuidado-atenção. Mas de uma “escutação”: uma disposição para uma escuta *coletiva*, *compositiva* e *produtiva*. Ao se ter uma escuta que não se traduz em prática, coloca em evidência a “invisibilidade”<sup>40</sup>: pode certamente ser a contaminação, os seus riscos potenciais e os seus efeitos, mas também os responsáveis que se exoneram aproveitando pesos burocráticos e lógicas impessoais, colocando-se fora de alcance.

Ou seja, apesar de urgentes e necessárias as ações dos poderes públicos, elas não se bastam sem o diálogo e a escuta. Se não costuradas com cuidado, acabam criando cisões na comunidade, atrasando a implementação de políticas e mutilando a cidadania<sup>29</sup>. Daí a convocação da Ilha a um aprender a escutar: escutar e construir em co(m)junto.

Esta *escutação* proposta pelo projeto da Ilha dos Abraços e pela Ilha de Maré navega, portanto, no fato de não extrair ou fissurar o conhecimento, mas confluir no território e em múltiplos saberes e vínculos. Na comunidade quilombola quem tem um nome de família não passa fome, nem necessidade, não precisando de dinheiro ou do “homem-moeda”<sup>37</sup>, baseando-se em confluências, parentes, histórias e co(m)fiança.

A aceleração do tempo, do *desenvolvimento*<sup>38</sup>, do ritmo da cosmofofia, do desperdício<sup>13</sup> é contrastado com o ritmo do quilombo, da Ilha. A *escutação*, por sua vez, se faz com tempo. A comunicação efetiva acontece através do jogo, da transgressão da colonialidade<sup>32</sup>, e aqui neste projeto, da arte.

O exercício da reflexão, a aquisição do saber, a capacidade de fissurar os problemas da vida<sup>39</sup>, da arte e do coletivo questiona a racionalidade científica moderna, eurocêntrica e branca<sup>40</sup>, e coloca-se em um local de resistência dos saberes quilombolas da Maré. A contracolônização proposta por Nego Bispo<sup>13</sup> conflui para os compartilhamentos com a com/unidade, valorizando a diversidade de conhecimento que questiona os mecanismos geopolíticos e da ciência<sup>41</sup>, inserindo também uma camada de resistência contra a violência do conhecimento colonizador ao fortalecer imaginários, identidades, sentidos, existências<sup>40</sup>.

A interseccionalidade entre diferentes linguagens e expressões, quadrinhos, desenhos, grafite, literatura, urbanismo, saúde, cultura local, é que transgride na comunicação e “ativismo” o racismo ambiental sofrido na ilha. A articulação destes territórios de dentro, por dentro, para dentro e para fora<sup>2</sup> se coloca através das linguagens da Ilha dos Abraços com a comunidade. O grafite do guaiamum e da marisqueira fortalece a perspectiva antirracista do Projeto Guaiamum<sup>16</sup> e abre espaço para a infância quilombola<sup>42</sup>. Além de compartilhar os conhecimentos produzidos pela Ilha de Maré em um local de produção científico-tecnológica negra<sup>40</sup>. Da mesma maneira o grafite que retrata o porto de Aratu e a refinaria como um monstro poluidor abre o questionamento, do ponto de vista individual, pois este complexo industrial provê salários para trabalhadores braçais na comunidade e é uma forma de desarticulação da comunidade – no coletivo restam os malefícios. Grafitar “Quilombo Bananeiras” no acesso principal da comunidade em conjunto, manuseando o grafite na oficina deixa estampada a referência para a comunidade e para quem chega: pise com cuidado neste território.

Mesmo o grafite tendo suas raízes na periferia<sup>43</sup>, pouco tinha chego na ilha. O cantor de reggae baiano Édson Gomes na música “Barrados”<sup>44</sup> fala sobre pessoas negras e periféricas serem barradas no baile. Desta maneira, a arte fala, canta, dança, narra, grita – entra no baile. Segundo Freire<sup>45</sup>, a cultura é indispensável no processo de resgate e valorização na formação de sujeitos, suas relações e transformações sociais. A ideia de que “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”<sup>46</sup>, a *escuta* dos moradores da ilha através da arte desacelerou o tempo, criou outros ritmos para *escutação*. Tornando-se flecha, pedagogia de encruzilhada, dança, de, conforme Rufino<sup>32</sup>, “outros movimentos, poéticas, políticas, gramáticas, cosmogonias, ontologias, epistemologias e filosofias que desestabilizem qualquer tentativa de regime totalitário”.

A transdisciplinaridade e interseccionalidade concretizada na Ilha dos Abraços se torna um instrumento essencial da saúde planetária, o desafio de não ter um dentro ou fora entre ciência, saúde, comunicação, educação, cuidado, etc. A invenção de novos modos de comunicar e sensibilidades implicou exercícios est/éticos de encantamento viabilizadas por meio da produção de ciência com monitoramento da qualidade do ar e denúncia através do ativismo, e (r)existência contra a necropolítica ambiental<sup>1</sup> local.

## **Saúde(s) planetária(s) em territórios saudáveis e sustentáveis: considerações finais para além de zonas de sacrifício**

(...) Esse batismo [no mangue] acaba sendo um momento de descontrair, mas ao mesmo tempo um momento de vocês vivenciarem o que a gente vivencia. (...) essa experiência do pisar nesse território, nessa lama, nesse lugar que os nossos corpos diariamente são expostos, que a gente vê como berçário, que ao mesmo tempo a gente traz como um meio que tá sendo explorado, que tá sendo destruído, (que tá morrendo) e a gente tá morrendo com ele, talvez não fizesse muito sentido. Então o batismo é isso, é trazer vocês pra o nosso mundo, apresentar o que é nosso e dar boas vindas. (...) É como se a gente acolhesse vocês no útero da nossa mãe, que ali é o útero da nossa existência, sobrevivência. <sup>47</sup> (p.1)

Arte misturada com saúde, urbanismo e comunicação é o que se propõe a ampliar não só a voz, mas a escutação. Questionando para além das divisas da Baía de Todos os Santos, tentando compartilhar a nossa realidade como ela é, e sugerir o que pode vir a ser<sup>48</sup>. De forma a destacar a urgência da necessidade de ação política e de proteção do quilombo em relação à poluição já sofrida pelas indústrias e porto locais, e também pela necessidade de mitigação e adaptação devido às mudanças climáticas.

Por isso, questiona-se até onde é produção de arte e onde começa a produção de saúde e, ainda, de produção de pensamento-conhecimento? Esta arte empenhada que traz posições est/éticas, políticas e vigilância em saúde a partir de um coletivo onde todos, planejando, compondo e contando suas histórias, tenham transgredido como artistas, comunidade marisqueira, urbanistas, educadores, profissionais da saúde, pensadores e ambientalistas. A ideia rizomática do projeto transgride estas “fronteiras”, afinal, não há mais espaço (nem tempo) para sustentar a falácia de (saúde da) humanidade versus natureza<sup>49</sup>.

A luta pela sobrevivência da Ilha de Maré e seus quilombos é uma luta de sobrevivência deste tempo no qual os mais invisíveis sofrem mais as consequências das mudanças climáticas. A(s) saúde(s) planetária(s), colocadas no plural, pois não são únicas, tampouco universais, são transgressoras, afetando localmente a Ilha de Maré e planetariamente as mudanças climáticas e desequilíbrio dos ecossistemas.

Nesse sentido, o livro navegável de grafite da Ilha dos Abraços que se encontra no mapa de memórias é uma confluência de saberes, compartilhamentos e cons/ciências. Também o é este texto-território-denúncia. Semeares como os da Ilha dos Abraços e a escrita coletiva, “*nada sobre nós sem nós*”, estabelece outras perspectivas e caminhos para fugir de condutas condicionadas e modificar fluxos da vida cotidiana, construindo territórios saudáveis e sustentáveis.

## Referências

1. Lopes EC. Coletânea Minha História.
2. Machado JMH, Silva FCCM. Os múltiplos sentidos e vivências no território quilombola e da pesca artesanal. Brasília-DF: Fundação Oswaldo Cruz; 2023. 127 p.
3. Brasil. Territórios sustentáveis e saudáveis: experiências de saúde ambiental territorializadas desdobramentos e perspectivas [Internet]. 1st ed. Brasília: Fundação Nacional de Saúde; 2021. 202 p. Available from: <https://repositorio.funasa.gov.br/handle/123456789/681>

4. Rodin P. Interseccionalidade em uma zona de sacrifício do capital: a experiência de mulheres negras, quilombolas e marisqueiras da Ilha de Maré, baía de Todos os Santos (Bahia, Brasil). *Rev Bras Estud Urbanos E Reg.* 2022;23:e202133.
5. Zagatto BP, Souza LEV de. A necropolítica ambiental nos quilombos de Ilha de Maré, Bahia, Brasil. *Amaz - Rev Antropol.* 2020;12:253–76.
6. Rougeon M, Terribili J, Mota C. L’ennemi (in)visible. *Socioscapes Int J Soc Polit Cult.* 2022;3:133–58.
7. Alma Preta. Comunidade quilombola flagra explosão de navio de gás em porto da Bahia [Internet]. Alma Preta. 2021 [cited 2023 Nov 13]. Available from: <https://almapreta.com.br/sessao/cotidiano/explosao-de-navio-de-gas-e-registrado-em-porto-maritimo-da-bahia/>
8. Alma Preta. ‘O que gente vive na Ilha da Maré é racismo ambiental’, denuncia Eliete Paraguassu [Internet]. AlmaPreta. 2019 [cited 2023 Nov 14]. Available from: <https://almapreta.com.br/sessao/cotidiano/o-que-gente-vive-na-ilha-da-mare-e-racismo-ambiental-denuncia-eliete-paraguassu/>
9. Alma Preta. Ilha de Maré: contaminação de águas provoca mortes por câncer em moradores [Internet]. Alma Preta. 2022 [cited 2023 Nov 13]. Available from: <https://almapreta.com.br/sessao/cotidiano/ilha-de-mare-contaminacao-de-aguas-provoca-mortes-por-cancer-em-moradores/>
10. Mídia Ninja. A Mídia Ninja acompanhou o segundo “Toxic Tour” organizado por lideranças da Ilha de Maré [Internet]. Instagram. [cited 2023 Nov 7]. Available from: <https://www.instagram.com/p/BvtnxHqno1J/>
11. Aguiar P. Marisqueiras [Internet]. *Revista O Grito! — Cultura pop, cena independente, música, quadrinhos e cinema.* 2023 [cited 2023 Nov 8]. Available from: <https://revistaogrito.com/marisqueiras/>
12. Rowland W. Nothing about us without us: Inside the disability rights movement of South Africa. [Internet]. 1st ed. Cape Town: University of South Africa; 2004. 46 p. Available from: [https://uir.unisa.ac.za/bitstream/handle/10500/19447/Rowland\\_\\_W\\_\\_1868882596\\_\\_Section1.pdf](https://uir.unisa.ac.za/bitstream/handle/10500/19447/Rowland__W__1868882596__Section1.pdf)
13. dos Santos AB. A terra dá, a terra quer [Internet]. 1st ed. São Paulo: Ubu Editora; 2023 [cited 2023 Jul 8]. 112 p. Available from: <https://www.ubueditora.com.br/terra-da-terra-quer.html>
14. MPP. Movimento de Pescadores e Pescadoras Artesanais [Internet]. Movimento de Pescadores e Pescadoras Artesanais (MPP). [cited 2023 Nov 14]. Available from: <http://mpppeloterritorio.blogspot.com/>
15. Conselho Pastoral dos Pescadores. Repúdio à Privatização das águas públicas dos mares e águas doces [Internet]. CPP. 2013 [cited 2023 Nov 14]. Available from: <http://www.cppnacional.org.br/noticia/rep%C3%BAdio-%C3%A0-privatiza%C3%A7%C3%A3o-das-%C3%A1guas-p%C3%BAblicas-dos-mares-e-%C3%A1guas-doces>
16. Barbosa MAN. Projeto Guaiamum: Identidade, Memória e Pertencimento. In: Curso de educação quilombola. Brasília-DF: UNEB; 2023.
17. Reconecta. Movimento Escolas Pelo Clima [Internet]. Reconecta. 2023 [cited 2023 Nov 8]. Available from: <https://www.reconecta.com/escolaspeloclima>

18. Ferdinand M. Uma ecologia decolonial. São Paulo, SP: Ubu Editora; 2022. 320 p.
19. Foladori G, Taks J. Um olhar antropológico sobre a questão ambiental. *Mana*. 2004;10:323–48.
20. Krenak A. Ideias para adiar o fim do mundo. 1st ed. Editora Companhia das Letras; 2019. 73 p.
21. Whitmee S, Haines A, Beyrer C, Boltz F, Capon AG, Dias BF de S, et al. Safeguarding human health in the Anthropocene epoch: report of The Rockefeller Foundation–Lancet Commission on planetary health. *The Lancet*. 2015;386:1973–2028.
22. Shiva V. Monoculturas da mente: perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia. São Paulo: Gaia; 2003. 239 p.
23. Lopes EC. Escola das Águas. In: Coletânea Minha História. p. 6.
24. Sacramento EC. Da Diáspora Negra ao Território de Terra e Águas: Ancestralidade e Protagonismo de Mulheres na Comunidade Pesqueira e Quilombola Conceição de Salinas-BA. Editora Appris; 2022. 282 p.
25. De La Cadena M. Indigenous cosmopolitics in the andes: Conceptual Reflections beyond “Politics.” *Cult Anthropol*. 2010;25:334–70.
26. CESE. Pescadoras da Ilha de Maré denunciam devastação criminosa de manguezais [Internet]. CESE - Coordenadoria Ecumênica de Serviço. 2020 [cited 2023 Nov 14]. Available from: <https://www.cese.org.br/pescadoras-da-ilha-de-mare-denunciam-devastacao-criminosa-de-manguezais/>
27. @quilombo\_bananeirasoficial. Pescadoras da Ilha de Maré denunciam devastação criminosa de manguezais [Internet]. Instagram. 2020 [cited 2023 Nov 7]. Available from: <https://www.instagram.com/p/CE75VwOBTwV/?igshid=MzRIODBiNWFIZA%>
28. Alma Preta. Lagartas tóxicas em manguezais preocupam moradores da Ilha de Maré [Internet]. AlmaPreta. 2022 [cited 2023 Oct 31]. Available from: <https://almapreta.com.br/sessao/cotidiano/lagartas-toxicas-em-manguezais-preocupam-moradores-da-ilha-de-mare/>
29. Santos M. O espaço do cidadão. EdUSP; 2007. 182 p.
30. No Rio e No Mar [Internet]. Ilha de Maré; 2016 [cited 2023 Nov 13]. Available from: <https://www.youtube.com/watch?v=XpeSNi1gJmA>
31. Carneiro AS. A construção do outro como não-ser como fundamento do ser [Internet]. [São Paulo]: Universidade de São Paulo; 2005 [cited 2023 Nov 9]. Available from: <https://repositorio.usp.br/item/001465832>
32. Rufino L. Pedagogia Das Encruzilhadas. Mórula; 2023. 164 p.
33. G1. Mãe Bernadete é a 11a quilombola morta na BA nos últimos 10 anos, aponta Conaq; relembre casos [Internet]. G1. 2023 [cited 2023 Nov 8]. Available from: <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2023/08/18/mae-bernadete-e-a-11a-quilombola-morta-na-ba-nos-ultimos-10-anos-aponta-conaq-relembre-casos.ghtml>
34. Mbembe A. Brutalismo. n-1; 2021. 256 p.
35. Rimoli TM, Santos APMB dos, Pires L de JA, Mendes EC. Aquilombamento como ferramenta de resistência e promoção de saúde da população negra. 13th ed. 2023;7.

36. Mulher do Fim do Mundo [Internet]. 2017 [cited 2023 Nov 14]. Available from: <https://www.youtube.com/watch?v=6SWIwW9mg8s>
37. Mbembe A. Crítica da razão negra. n-1; 2018. 320 p.
38. Santos M. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. EdUSP; 2002. 394 p.
39. Cândido A. Vários escritos. Livraria Duas Cidades; 1977. 198 p.
40. Rosa K, Alves-Brito A, Pinheiro BCS. Pós-verdade para quem? Fatos produzidos por uma ciência racista. Cad Bras Ensino Física. 2020;37:1440–68.
41. Rodrigues JN, Monteiro LC do R, Rodrigues JN, Universidade Federal Fluminense, editors. Crise e reinvenção dos espaços da política. Rio de Janeiro, RJ: Consequência; 2020. 295 p.
42. Mar, cores, sons e texturas – o olhar quilombola na infância [Internet]. Ilha de Maré; 2022 [cited 2023 Nov 13]. Available from: <https://www.youtube.com/watch?v=pRD0HOOHNfM>
43. Celia Maria Antonacci Ramos. Grafite & pichação: por uma nova epistemologia da cidade e da arte. 16º Encontro Nac Assoc Nac Pesqui Artes Plásticas Dinâmicas Epistemol Em Artes Visuais. 2997;1260–9.
44. Barrados [Internet]. Salvador; 2013 [cited 2023 Nov 13]. Available from: <https://www.youtube.com/watch?v=HjIgwjPOy-8>
45. Freire P. Educação e mudança. Editora Paz e Terra; 2014. 105 p.
46. Freire P. Pedagogia do oprimido. 67a edição. Paz & Terra; 2013.
47. Menezes Lopes M. Trancição comunicação oral. In 2023.
48. Santos M. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. Editora Record; 2000. 188 p.
49. Ojeda I, Oliveira B, Porto-Gonçalves CW, Elefante E, Luxemburgo R. Descolonizar o Imaginário: Debates Sobre Pós-extrativismo e Alternativa ao Desenvolvimento. 1a edição. Dilger G, Neto JP, Lang M, Ameni CS, Albuquerque H, Beloni M, editors. São Paulo, Brazil: Autonomia Literária; 2016.

### **Authors contribution**

MF, MML, LBC, MANB, IZZ, NAS realizaram contribuições substanciais para a concepção ou desenho do trabalho; MF, MML, LBC, MANB, IZZ, AM, NAS análise e interpretação de dados. MF, MML, LBC, MANB, IZZ, AM, PHNS, NAS contribuições na escrita do trabalho e revisão crítica .

### **Declaração de conflito de interesses**

As autoras declaram que não há conflito de interesses.

### **Declaração de disponibilidade de dados de pesquisa**

Todo o conjunto de dados que apoia os resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

## Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.